

ECONOMIA, MERCADO DE TRABALHO E EMPREENDEDORISMO NO RIO DE JANEIRO

Texto de apoio à elaboração do PPA do Sebrae/RJ

ESTUDO ESTRATÉGICO

Nº 08 | JULHO DE 2015



OS PEQUENOS NEGÓCIOS EM FOCO



RIO DE JANEIRO

SEBRAE/RJ Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas do Estado do Rio do Janeiro

Rua Santa Luzia, 685 – 6º, 7º e 9º andares – Centro

Rio de Janeiro – RJ – CEP: 20030-041

Presidente do Conselho Deliberativo Estadual

Angela Costa

Diretor Superintendente

Cezar Vasquez

Diretores

Armando Clemente

Evandro Peçanha Alves

Gerente da Unidade de Conhecimento e Competitividade

Cezar Kirszenblatt

Equipe Técnica de Estudos e Pesquisas

Bernardo Pereira Monzo

Felipe da Silva Antunes

Patrícia Reis Pereira

***Equipe do Instituto de Estudos
do Trabalho e Sociedade - IETS***

Adriana Fontes

Fabírcia Guimarães

Luísa de Azevedo

Samuel Franco

Valéria Pero (IE-UFRJ)

Elaboração de Conteúdo

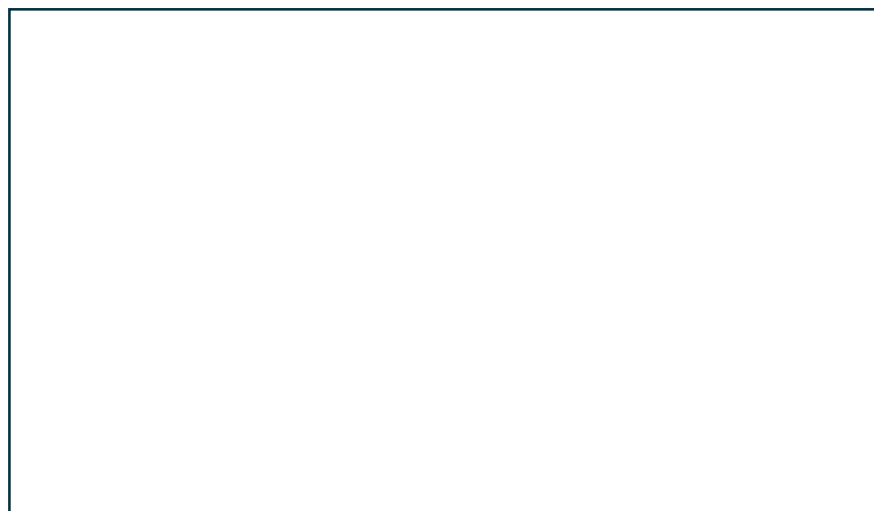


Projeto Gráfico:

Maria Clara Thedim | www.mathedim.com.br

Diagramação:

Tássia Assis | www.tassiaassis.com



ECONOMIA, MERCADO DE TRABALHO E EMPREENDEDORISMO NO RIO DE JANEIRO

TEXTO DE APOIO À ELABORAÇÃO DO PPA DO SEBRAE/RJ

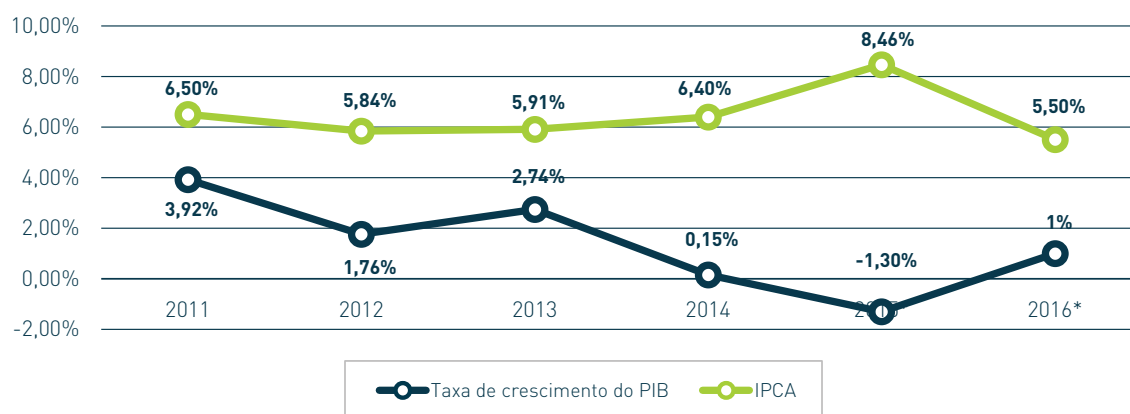
CONJUNTURA ECONÔMICA

O ano de 2015 não está sendo fácil para a economia brasileira. Segundo sondagens realizadas pelo Instituto Brasileiro de Economia (IBRE), da Fundação Getúlio Vargas (FGV), os índices de confiança dos consumidores e dos empresários dos setores de serviços, comércio e construção atingiram mínimas históricas em março, após quedas consecutivas desde a virada do ano.

Houve leve melhora em abril, mas não suficiente para reverter a tendência negativa, reforçada pelo comportamento do índice de confiança da indústria, que, depois de cair por três meses seguidos, ficou abaixo do registrado no auge da crise financeira de 2008-2009¹. O mesmo ocorreu com o Índice de Confiança do Empresário Industrial Fluminense (ICEI-RJ), da Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro (Firjan). O ICEI-RJ vem caindo há cinco trimestres e alcançou em abril deste ano seu menor valor desde o início da série, em 2005.

Assim, a desaceleração da economia, já experimentada em 2014, quando o Produto Interno Bruto (PIB) subiu apenas 0,1% em termos reais, está se intensificando. De acordo com o Relatório de Mercado Focus, do Banco Central, publicação semanal em que são compiladas as projeções das principais instituições financeiras e de pesquisa para alguns indicadores econômicos, as expectativas tampouco são alentadoras. Segundo o relatório de 5 de junho de 2015, os agentes esperam que o PIB deste ano caia 1,3% e que a inflação fique em 8,46%, bem acima do teto da meta, de 6,5%.

GRÁFICO 1 - TAXA DE CRESCIMENTO DO PIB E INFLAÇÃO



Fonte: IBGE, Banco Central do Brasil, Focus – Projeções 2015 e 2016. Boletim Focus – 5 de junho de 2015.

1. As novas séries das sondagens da indústria e dos consumidores tiveram início em 2005. As sondagens da construção e do comércio começaram em 2010 e a dos serviços, em 2008.

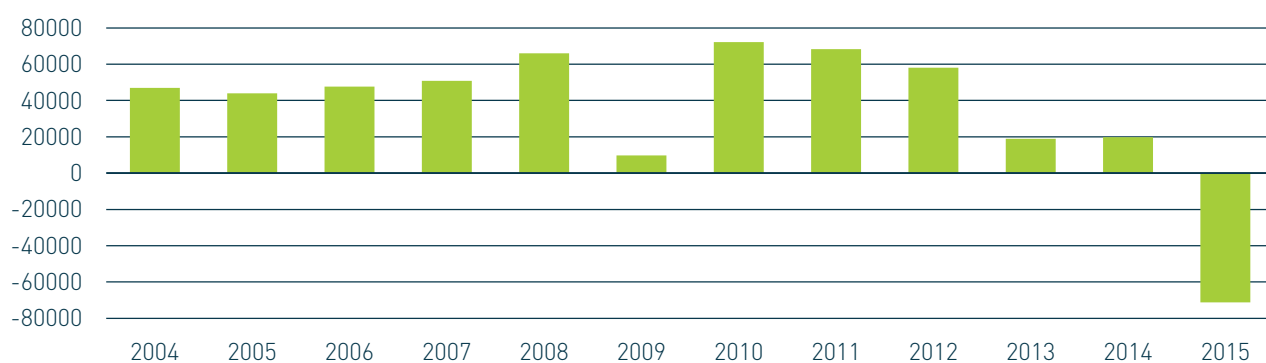
Para conter a inflação, iniciou-se um novo ciclo de aumento dos juros no quarto trimestre de 2014. A taxa de juros (Selic), que chegou a 7,25% ao ano no início de 2013, subiu para 13,25% no fim de abril de 2015, o maior patamar desde dezembro de 2008. Diante da deterioração das contas públicas, aprofundada pela elevação dos juros, o governo se viu impelido a realizar um ajuste fiscal para recuperar a credibilidade entre investidores e empresários. Parte da estratégia consiste em negociar melhores resultados com os governos regionais. Assim, o estado e os municípios do Rio de Janeiro estão premiados pela necessidade de sanear suas contas. Em conjunto, esses fatores tendem a deprimir ainda mais a atividade econômica, ao menos no curto prazo.

Vale destacar que as investigações em torno do esquema de pagamento de propinas nos contratos da Petrobras podem ter sérias implicações para a economia brasileira. Devido à fragilidade financeira da estatal, às questões administrativas (o balanço de 2014 da empresa só foi publicado no fim de abril) e à queda do preço internacional do petróleo, os investimentos na área de óleo e gás estão paralisados. Como dirigentes de grandes empreiteiras estão envolvidos, a construção civil também foi significativamente afetada. Vale lembrar que esses segmentos representaram uma importante fonte de dinamismo econômico nos últimos anos, em especial no Estado do Rio de Janeiro (ERJ). De acordo com estimativas da Firjan², investimentos de quase R\$ 425 bilhões estão ameaçados no setor de petróleo e gás e obras e infraestrutura. O Rio de Janeiro seria o estado mais impactado, com perdas de R\$ 106 bilhões, um quarto do total.

EFEITOS SOBRE O EMPREGO FORMAL

Os efeitos já são percebidos no emprego formal. De janeiro a maio de 2015 foram destruídos (número de demissões maior do que o de admissões) mais de 278 mil postos de trabalho no Brasil, sendo que mais de 40% ocorreram em maio. Conforme pode ser visto no Gráfico 2, no ERJ foram destruídos 71.345 postos.

GRÁFICO 2 - SALDO DO NÍVEL DE EMPREGO FORMAL NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - MÉDIA DE JAN A MAI



Fonte: IETS com base no Caged.

2. Nota técnica "Investimentos em infraestrutura e P&G com execução ameaçada no Brasil", março de 2015.

DESEMPREGO CONSTANTE E DIMINUIÇÃO DA TAXA DE PARTICIPAÇÃO

Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua), a taxa de desocupação fluminense foi de 6,5% no primeiro trimestre de 2015, a sétima menor entre os estados brasileiros – superior à de Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Rondônia e os três estados do Sul do país.

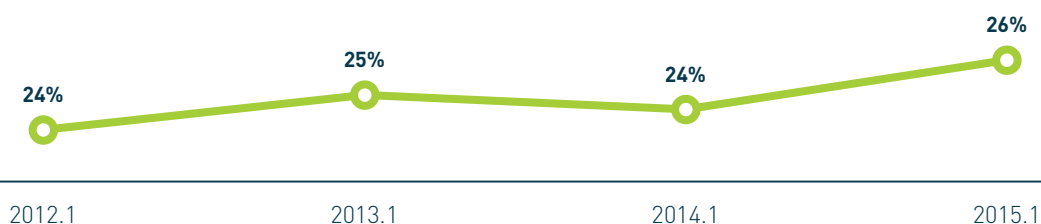
A média brasileira e a grande maioria dos estados tiveram aumento de desemprego entre os primeiros trimestres de 2014 e 2015. O Rio de Janeiro foi uma das oito exceções. A taxa ficou praticamente constante em relação ao mesmo período de 2014 (6,7%), embora tenha crescido em relação ao trimestre anterior (0,8 p.p.). Esse comportamento da taxa de desemprego foi influenciado pela queda da taxa de participação (2,8%), maior entre todos os estados brasileiros. Vale ressaltar que o Rio de Janeiro tem a quinta menor taxa de participação das UF.

Ou seja, a manutenção do nível da taxa de desemprego parece ter sido explicada pelo comportamento da oferta de trabalho, uma vez que houve redução na taxa de ocupação de 1,5 ponto percentual entre os primeiros trimestres de 2014 e 2015 (bem superior à queda em nível nacional, 0,57 p.p.). Contribuiu para essa redução a diminuição do peso da indústria e da construção, ao passo que comércio e serviços registraram crescimento da participação.

AUMENTO DA PARTICIPAÇÃO DOS EMPREENDEDORES NA OCUPAÇÃO

Em termos de posição na ocupação, verifica-se aumento da participação do trabalho por conta própria e do empregador e queda do emprego sem carteira de trabalho assinada. A participação do emprego com carteira assinada ficou praticamente estável.

GRÁFICO 3 - SALDO DO NÍVEL DE EMPREGO FORMAL NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – MÉDIA DE JAN A MAI



Fonte: IETS, com base na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios.

Na média do primeiro trimestre de 2015, a renda média correspondeu a R\$1.960 no Estado do Rio de Janeiro, quinta maior remuneração do país, atrás da registrada em São Paulo, no Distrito Federal, em Rondônia e no Paraná.

Em relação ao primeiro trimestre de 2014, cerca de metade dos estados apresentou queda na renda do trabalho entre o primeiro trimestre de 2014 e 2015. O Rio de Janeiro está no grupo que registrou queda (1,9%), quarta maior entre os estados brasileiros.

Essa queda está associada ao comportamento da indústria e da construção, que tiveram perdas de rendimento de 8,2% e 5,6%, respectivamente. No tocante à posição na ocupação, os empregados públicos com carteira registraram queda de 30% na renda média entre os primeiros trimestres de 2014 e 2015, porém representam menos de 2% dos ocupados. Os rendimentos dos segmentos ditos informais, trabalhadores por conta própria e empregados sem carteira de trabalho assinada, que são mais vulneráveis a oscilações na demanda, registraram as maiores quedas, de 10% e 4%, respectivamente.

A queda da indústria e da construção, tanto em termos de ocupação como de rendimentos, deve estar relacionada à crise no setor de petróleo com paralisação dos investimentos, por exemplo, do Comperj.

EFEITOS SOBRE O EMPREGO FORMAL

No Estado do Rio de Janeiro há 250.261 micro e pequenas empresas (MPEs)³, sendo 81% micro e 19% pequenas empresas, que representam 96% das empresas no Estado do Rio de Janeiro. Em relação à média brasileira e da Região Sudeste, destaca-se a maior participação de empresas de pequeno porte e médias e grandes empresas.

TABELA 1 - PARTICIPAÇÃO DAS EMPRESAS POR TAMANHO, BRASIL, SUDESTE E ERJ

TIPO DE EMPRESA	2011		2013	
	TOTAL	PARTICIPAÇÃO	TOTAL	PARTICIPAÇÃO
Brasil	3.178.227	100,0%	3.417.379	100,0%
Microempresa	2.638.402	83,0%	2.839.924	83,1%
Pequena Empresa	449.756	14,2%	481.665	14,1%
Média e Grande Empresa	90.069	2,8%	95.790	2,8%
Sudeste	1.584.065	100,0%	1.682.289	100,0%
Microempresa	1.300.256	82,1%	1.383.099	82,2%
Pequena Empresa	236.223	14,9%	248.960	14,8%
Média e Grande Empresa	47.586	3,0%	50.230	3,0%
Rio de Janeiro	245.549	100,0%	259.768	100,0%
Microempresa	192.891	78,6%	203.907	78,5%
Pequena Empresa	43.836	17,9%	46.354	17,8%
Média e Grande Empresa	8.822	3,6%	9.507	3,7%

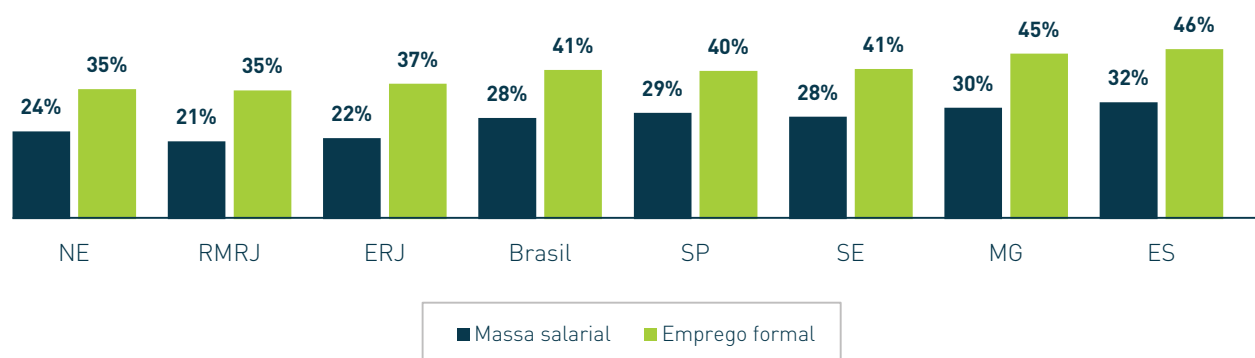
Fonte: IETS, com base nos dados da RAIS/MTE.

3. O porte ou tamanho das empresas foi definido pelo critério de classificação por número de funcionários, utilizado pelo Sistema Sebrae. Uma empresa do Setor Industrial é considerada "micro" quando possui até 19 funcionários, "pequena" de 20 a 99, "média e grande" acima de 100 empregados. Esta classificação é válida também para a Construção Civil. Já para os Setores de Comércio e de Serviços, a categorização é de "micro" para estabelecimentos de até 9 trabalhadores, "pequena" entre 10 e 49, "médio ou grande" acima de 50 assalariados.

A participação das MPes no emprego formal é bem mais baixa, sobretudo no Rio de Janeiro, explicitando uma característica da economia fluminense: 37% dos empregos formais no ERJ são em MPes, percentual que se encontra entre os verificados no Nordeste (35%) e no Brasil (41%), ou seja, inferior aos observados nos estados do Sudeste e na média da região (41%). A análise de 2011 a 2013 mostra uma estabilização da contribuição das MPes no emprego.

A contribuição das MPes na massa salarial também é reduzida no Rio de Janeiro (22%), situando-se abaixo do nível nordestino, da média brasileira e do Sudeste, conforme mostra o Gráfico 4. A participação das MPes no emprego formal e na remuneração total na Região Metropolitana do Rio de Janeiro (RMRJ) é inferior à observada no estado, denotando uma precariedade ainda maior no trabalho de micro e pequenos empreendedores.

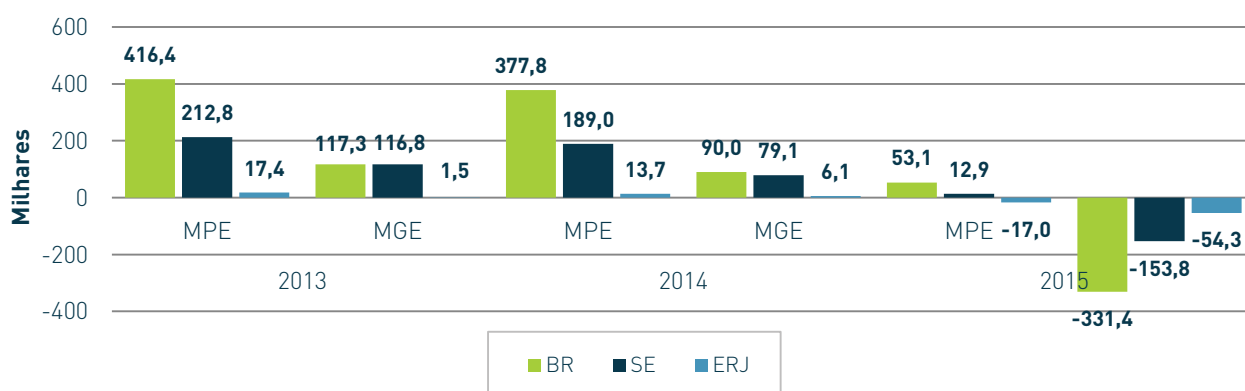
GRÁFICO 4 - PARTICIPAÇÃO DAS MPES NO EMPREGO FORMAL E NA MASSA SALARIAL: 2013



Fonte: IETS com base nos dados da RAIS/MTE.

Como os pequenos negócios estão reagindo à atual conjuntura econômica? Conforme o Gráfico 5, nos cinco primeiros meses de 2015 as MPes tiveram um saldo positivo no nível de emprego no Brasil e no Sudeste, ao passo que as MGEs diminuíram o número de empregados. Já no ERJ o saldo das MPes foi negativo, embora muito menor do que o das MGEs.

GRÁFICO 5 - SALDO ENTRE ADMISSÕES E DEMISSÕES NAS MPES E MGES, MÉDIA JANEIRO A MAIO: 2013 A 2015



Fonte: IETS com base nos dados do Caged.

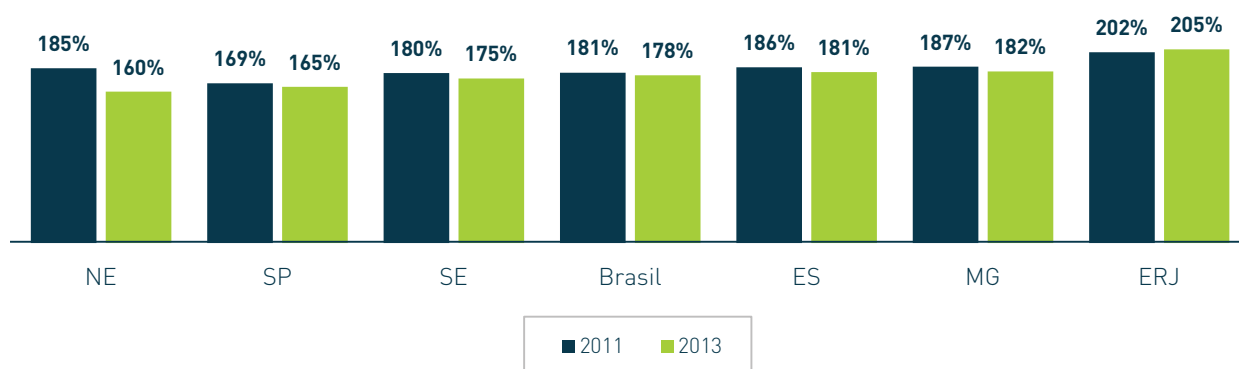
DESEMPENHO DOS PEQUENOS NEGÓCIOS

O desempenho dos pequenos negócios pode ser medido por quatro indicadores: salários/rendimentos, formalização, taxa de sucesso dos empreendedores e taxa de adimplência dos empreendedores individuais.

Salários/Rendimentos

O salário médio nas MPes é mais baixo do que nas médias e grandes empresas. O Estado do Rio de Janeiro apresenta diferencial salarial entre MGE e MPE superior aos estados do Sudeste e à média brasileira. Ademais, entre 2011 e 2013 houve um aumento do diferencial de salários entre MGE e MPE no Rio de Janeiro não observado nos demais recortes territoriais.

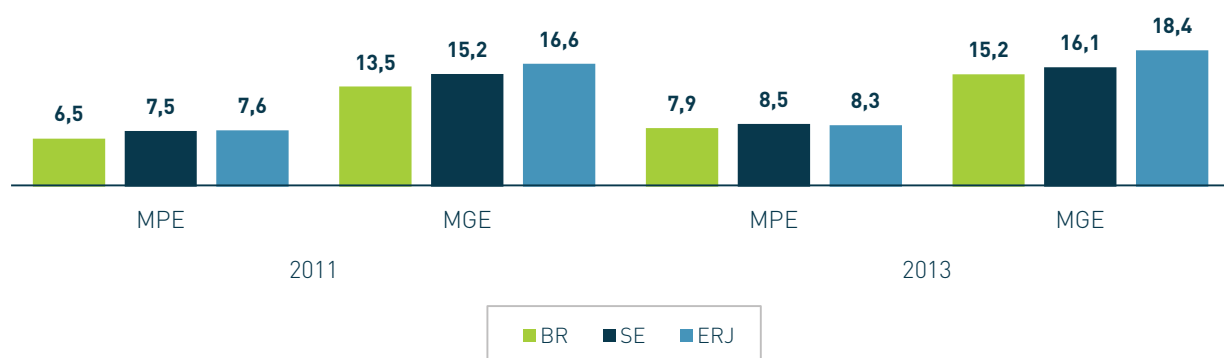
GRÁFICO 6 - SALDO ENTRE ADMISSÕES E DEMISSÕES NAS MPES E MGES, MÉDIA JANEIRO A MAIO: 2013 A 2015



Fonte: IETS com base nos dados do Caged.

Os baixos salários em relação à média do Sudeste evidenciam a menor produtividade média das MPes no Estado do Rio de Janeiro. Enquanto as MGes no ERJ pagam salários mais elevados do que a média do Sudeste, as MPes têm em média salários mais baixos, conforme pode ser visto no Gráfico 7.

GRÁFICO 7 - SALÁRIO-HORA NAS MPES E MGES: 2011 E 2013



Fonte: IETS com base nos dados da RAIS/MTE.

Formalização

Os indicadores relativos ao nível de formalização dos trabalhadores por conta própria e pequenos empregadores fluminenses são similares aos do SE no que diz respeito à contribuição para o INSS e inferiores no tocante à posse de CNPJ, assim como no universo de microempreendedores. Dessa forma, o desempenho do ERJ em relação à Região Sudeste se mantém, independentemente da composição dos microempreendedores. Vale ressaltar que os indicadores de formalização dos trabalhadores por conta própria avançaram muito pouco no Estado do Rio de Janeiro entre 2011 e 2013.

TABELA 2 - EVOLUÇÃO DO PERCENTUAL DE MICROEMPREENDEDORES FORMAIS POR POSIÇÃO NA OCUPAÇÃO: 2009 A 2013

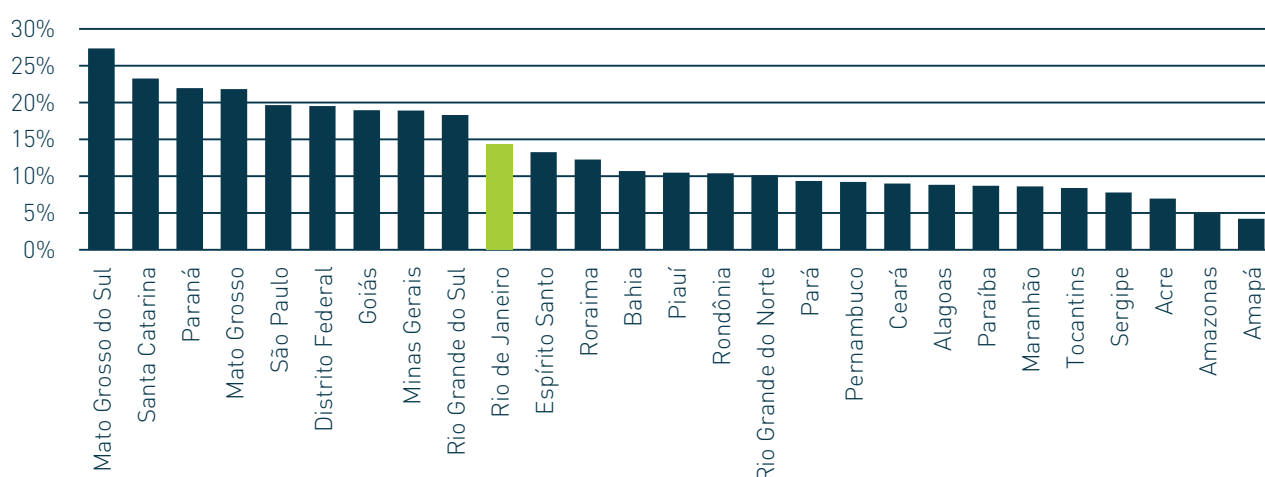
INDICADOR	BRASIL				REGIÃO SUDESTE				ERJ			
	2009	2011	2012	2013	2009	2011	2012	2013	2009	2011	2012	2013
Com CNPJ												
Conta-própria	14,1%	15,7%	16,8%	17,8%	18,8%	21,1%	22,8%	23,4%	12,7%	15,0%	15,0%	15,8%
Pequeno empregador	61,8%	68,8%	69,4%	72,2%	65,7%	73,3%	74,1%	78,2%	65,1%	69,7%	66,8%	75,9%
Contribuintes do INSS												
Conta-própria	16,5%	22,1%	23,7%	25,0%	23,6%	30,2%	31,5%	32,8%	23,8%	31,1%	30,2%	28,3%
Pequeno empregador	52,2%	60,3%	60,3%	63,7%	60,4%	66,0%	65,7%	68,9%	56,5%	64,0%	66,0%	69,3%

Fonte: IETS com base nos dados da PNAD/IBGE. Nota: Foi considerado pequeno empregador quem tem no máximo cinco empregados.

Taxa de sucesso dos empreendedores

O percentual de empregadores em relação ao universo de empreendedores capta a proporção de pessoas que são bem-sucedidas em seu próprio negócio e que conseguem expandi-lo, contratando trabalhadores. Esse indicador é igual a 14% no Rio de Janeiro, revelando que o estímulo a empreender no estado é baixo em comparação com as Unidades da Federação do Sudeste, do Sul e do Centro-Oeste.

GRÁFICO 8 - PROPORÇÃO DE EMPREGADORES ENTRE OS EMPREENDEDORES: 2013

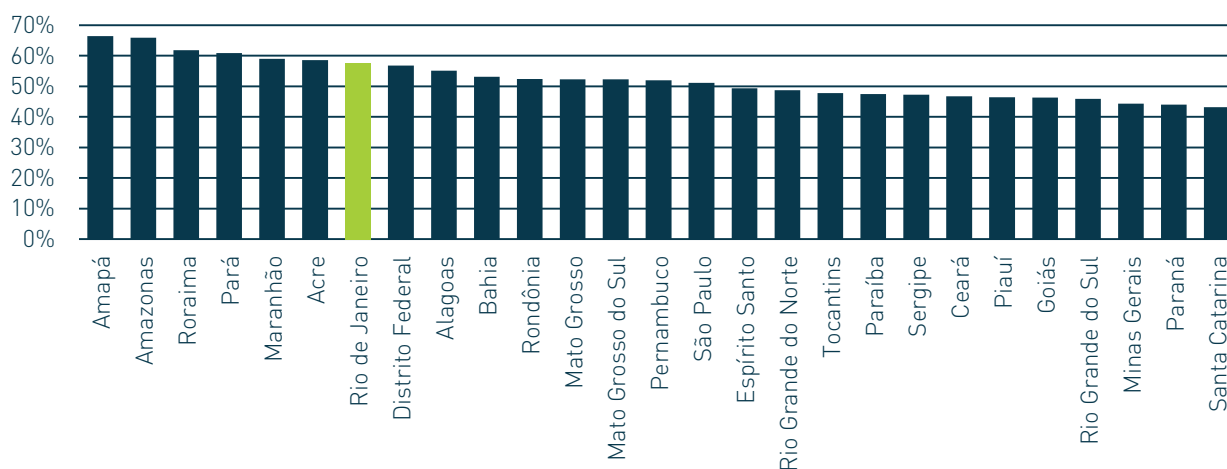


Fonte: IETS com base nos dados da PNAD/IBGE.

Taxa de inadimplência dos empreendedores individuais

Segundo o Portal do Empreendedor, em abril de 2015 havia um total de 590 mil empreendedores individuais no Estado do Rio de Janeiro. No entanto, apenas 42,4% estavam em dia com suas obrigações. Mais da metade estavam inadimplentes (57,6%), numa das maiores taxas entre as Unidades da Federação, perdendo apenas para os estados da Região Norte e para o Maranhão.

GRÁFICO 9 - TAXA DE INADIMPLÊNCIA POR UNIDADE DA FEDERAÇÃO: 2015



Fonte: IETS com base nos dados da PNAD/IBGE.

OS SETORES ESTRATÉGICOS

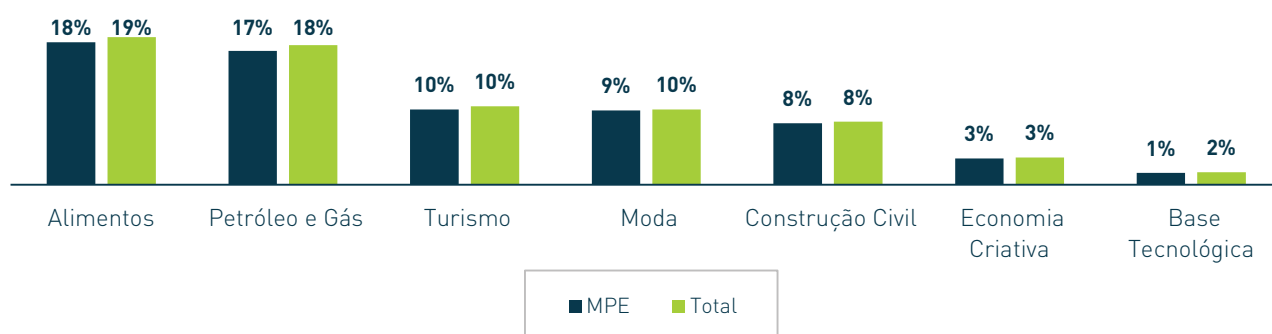
A análise a seguir apresenta o desempenho recente de cada um dos sete setores de atuação estratégica do Sebrae/RJ: alimentos, construção civil, petróleo e gás, turismo, moda, economia criativa e base tecnológica. Para tanto, usamos dados da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) de 2013 (última disponível) e do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged) de 2014 e 2015, ambos do Ministério do Trabalho e do Emprego (MTE). Cabe destacar que não estamos considerando os estabelecimentos que declaram a RAIS negativa⁴, nem os da administração pública nem os que prestam serviços domésticos. A análise está focada nos pequenos negócios no Estado do Rio de Janeiro.

O número de pequenos estabelecimentos pertencentes aos setores estratégicos é de 131 mil, representando 51% do total de estabelecimentos no ERJ em 2013. De acordo com o Gráfico 10, o ramo de alimentos concentrou 18% das MPEs do estado; o de petróleo e gás, 17%; o de turismo, 10%; o de moda, 9%; e o de construção civil, 8%. Por fim, apenas 3% dos estabelecimentos no ERJ pertencem ao setor de economia criativa; e 1,5%, ao de base tecnológica⁵.

4. Trata-se de estabelecimentos que não possuíam empregados e/ou mantiveram suas atividades paralisadas durante o ano-base. Em consonância com os demais produtos do **Observatório**, optou-se por essa abordagem porque tais dados trazem complicações para a análise, já que não é possível diferenciar empresas paralisadas de empresas sem empregados.

5. A identificação dos sete setores estratégicos foi feita a partir de uma lista de atividades segundo seu código na Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE). Porém, 28 atividades aparecem em mais de um setor. Para termos uma dimensão do peso total dos sete setores na economia do estado, desconsideramos as repetições ao agregá-los. Assim, a soma do percentual de estabelecimentos fluminenses em cada um dos sete setores ultrapassa a percentagem do total de empresas neles.

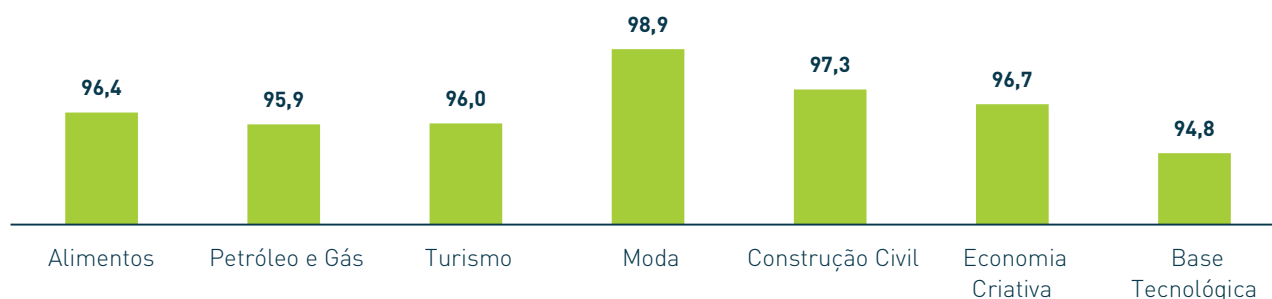
GRÁFICO 10 - PARTICIPAÇÃO DOS ESTABELECIMENTOS NO TOTAL DE PEQUENOS NEGÓCIOS E NO TOTAL DE ESTABELECIMENTOS POR SETOR ESTRATÉGICO DO SEBRAE/RJ EM 2013 NO ERJ



Fonte: IETS com base na RAIS/MTE.

A maioria dos estabelecimentos (126.754, ou seja, 96,5%) são micro ou pequenas empresas, sendo a participação maior no setor de moda e menor no de base tecnológica, conforme mostra o Gráfico 11.

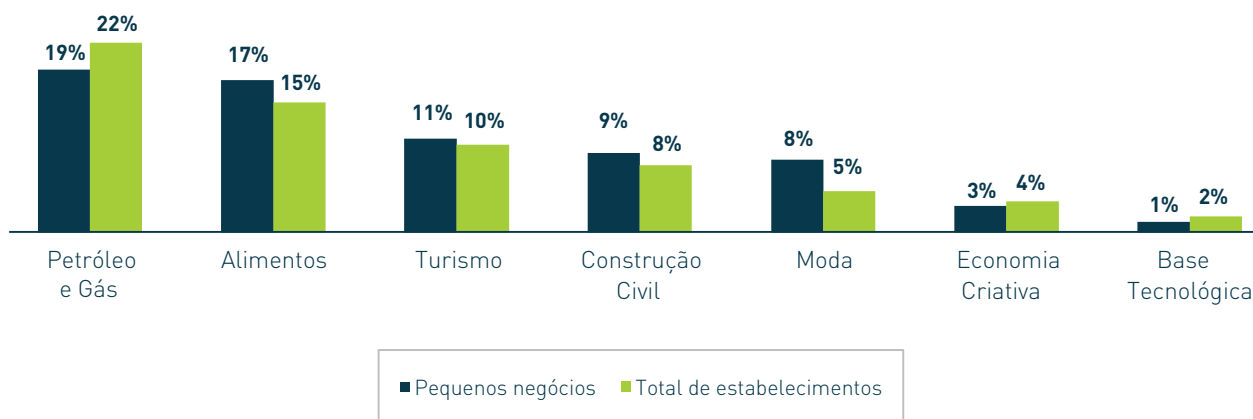
GRÁFICO 11 - PROPORÇÃO DE PEQUENOS NEGÓCIOS NO TOTAL DE ESTABELECIMENTOS POR SETORES ESTRATÉGICOS NO ERJ EM 2013 (%)



Fonte: IETS com base na RAIS/MTE.

Ao contrário do verificado no tocante aos estabelecimentos, a participação dos pequenos negócios no emprego formal variou bastante entre os setores, equivalendo a 32% na área de base tecnológica, 33% em petróleo e gás, 40% em turismo, 42% em economia criativa, 48% em alimentos, 53% em construção civil e 78% em moda. Consequentemente, a distribuição do total de empregados formais pelos sete setores de atuação estratégica do Sebrae/RJ difere da que considera apenas os trabalhadores nos pequenos negócios, embora o ordenamento se mantenha. Destaca-se a importância relativamente maior dos pequenos negócios em construção civil, alimentos, turismo e, principalmente, moda no total de empregos formais no ERJ. Por outro lado, o protagonismo dos pequenos negócios é menor em base tecnológica, petróleo e gás e economia criativa.

GRÁFICO 12 - DISTRIBUIÇÃO DOS EMPREGADOS FORMAIS FLUMINENSES PELOS SETE SETORES ESTRATÉGICOS - 2013

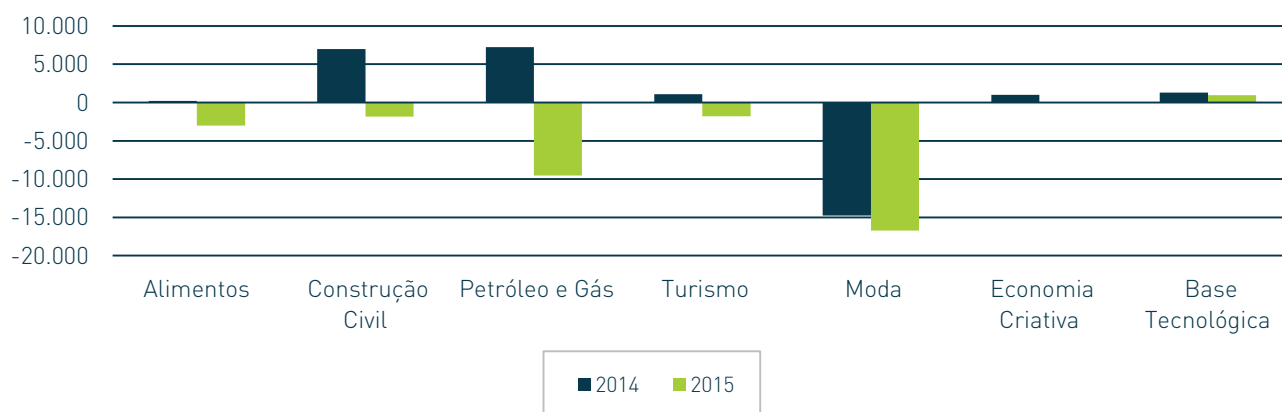


Fonte: IETS com base na RAIS/MTE.

Saldo entre admissões e desligamentos em 2014 e 2015

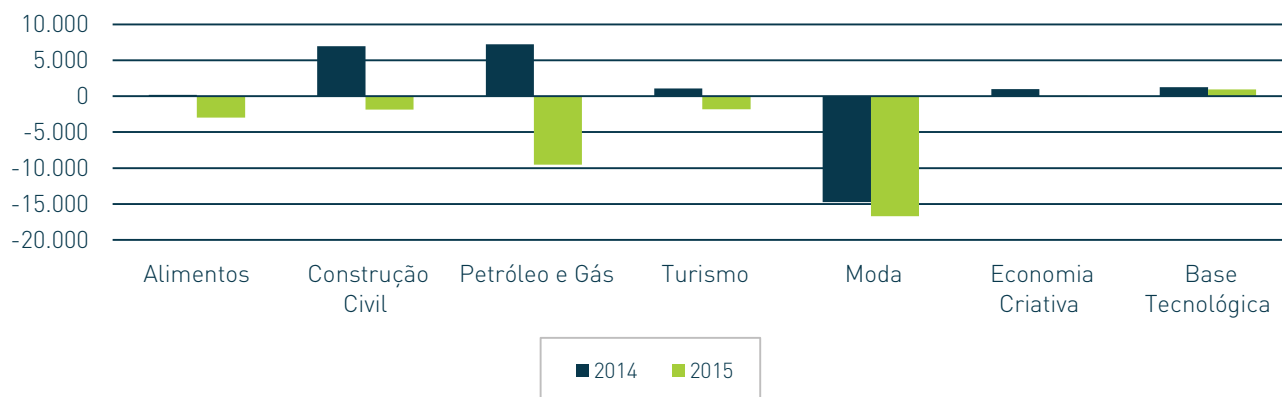
No tocante ao desempenho recente do emprego formal, seguindo a tendência geral, verifica-se um saldo negativo de janeiro a maio de 2015 das MPes em todos os setores estratégicos, exceto o de base tecnológica. Destaca-se o desempenho negativo do setor de moda e do de petróleo e gás. O primeiro registrou queda do nível de emprego em 2014 e 2015, sendo mais forte este ano. Já o setor de petróleo e gás, que registrou saldo positivo entre janeiro e maio de 2014, vem apresentando saldo negativo desde outubro de 2014.

GRÁFICO 13 - SALDO ENTRE ADMISSÕES E DESLIGAMENTOS NAS MPES NO ERJ POR SETOR EM JAN/MAIO DE 2014 E 2015



Fonte: IETS com base no Caged.

**GRÁFICO 14 - SALDO ENTRE ADMISSÕES E DESLIGAMENTOS NAS MPES NO ERJ
POR SETOR EM JAN/MAIO DE 2014 E 2015**



Fonte: IETS com base na RAIS/MTE.

Telefone - 0800 570 0800

Twitter - @sebraerj

Facebook - fb.com/sebraerj

www.sebraerj.com.br



RIO DE JANEIRO

WWW.SEBRAERJ.COM.BR



RIO DE JANEIRO